

INTERVENÇÃO NA ESCRITA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS 7º ANO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CAXINGÓ/PI

Ana Christina de Sousa Damasceno ¹

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta pesquisa veio partindo de uma proposta de intervenção baseada nas observações realizadas em sala de aula, ao longo das aulas de Língua Portuguesa voltadas para a produção textual, ao corrigir as redações escolares ou demais produções textuais realizadas pelos alunos pode-se constatar que há uma transcrição da fala diretamente na escrita, ou seja, os alunos escrevem, na maioria das vezes da forma que falam e não como orienta a gramática.

Assim, verificamos a influência da fala nos modos de produção de escrita de alunos, para, em seguida, desenvolvermos um trabalho reflexivo com os alunos propondo atividades pedagógicas capazes de reverter as dificuldades encontradas pelo alunado, visto que os alunos tendem a transformar o modo com que se fala ou que se escuta os demais em escrita, baseando-se na sua língua o modo de escrever e transcrever palavras e textos.

As produções da sala de 7º ano do Ensino Fundamental foram observadas ao longo deste ano de 2019, quando solicitadas as produções escritas sempre causavam dificuldade de entendimento, embora houvesse coesão e coerência na exposição das ideias, apresentavam palavras transcritas de maneira diferenciada, ou segundo conceitua Moysés e Collares (1985 e 1992 apud Zorzi, 1998, p.18) com erro ortográfico, que “pode ser identificado como indício de dificuldades centradas na própria criança que por algum motivo, não estaria conseguindo associar ou ‘fixar’ adequadamente a forma de escrever que lhe é apresentada”.

Durante as observações reflexivas percebemos que o alunado ainda está distante do domínio do sistema ortográfico, a escrita para eles é vista como transcrição da oralidade, e não como sistema de representação próprio.

¹ Doutoranda em Ciências da Educação (UTIC); Mestre em Letras (UESPI); Especialista em Educação Infantil (UESPI) e em Gestão Municipal de Educação (UFPI); Graduada em Pedagogia (FAP/UNINASSAU) e em Letras/Português (UESPI). Professora da Faculdade Dexter e da Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba (FAESPA). Coordenadora Pedagógica da Rede Pública Municipal de Ensino de Caxingó – PI. msc.anadamasceno@hotmail.com.

Diante dessa observação coloca-se apresentamos como resultado da proposta de intervenção para que foi realizada dentro das aulas de Língua Portuguesa para que devidamente orientados os alunos possa identificar seus erros ortográficos e, assim, refletirem sobre a forma que escrevem e como mudarem seus hábitos de escrita.

METODOLOGIA

A proposta de intervenção desta pesquisa interviu diretamente nas produções escritas dos alunos de forma reflexiva. Levando-os a identificar nas suas produções escritas palavras transcritas da forma que se fala e de como está sendo escrita, fazendo assim exercícios de audição da fala, também refletir sobre a ortografia e a forma correta de escrever segundo as regras de ortografia, bem como valorizar a forma com que os alunos escrevem, levando em consideração a cultura e o meio social em que vivem.

Diante das alterações ortográficas apresentadas, apontaremos atividade para a devida intervenção a ser realizada em sala de aula. Tais atividades intervieram de maneira direta na produção escrita dos alunos do 7º ano do turno da manhã da Escola Municipal Felipe Neris Machado, que vivenciarão práticas de correção ortográfica, bem como o uso da reflexão contextualizada da sua escrita, gerando nos alunos técnicas de correção e assim que consigam escrever ortograficamente correta. As atividades seguiram tais aspectos: Reflexões sobre a língua e sua relação com a escrita; Atividades de segmentação de palavras; Atividade de pesquisa de palavras no meio social; e, Atividades com o uso do dicionário, que serão enfocadas de forma contextualizada, através de um plano de aula.

DESENVOLVIMENTO

A escolha da temática desta intervenção deu-se durante as aulas de Língua Portuguesa, especificamente nas de produção textual, e de acordo com os estudos realizados por Zorzi, baseando-se nas categorias de classificação das alterações ortográficas diagnosticadas nas produções textuais.

A classificação dos erros ortográficos utilizada para nossa pesquisa é a mesma de Zorzi (2009), apresentaremos de maneira sucinta a classificação do autor para depois refletirmos acerca da alteração na ortografia decorrentes de apoio na oralidade considerando-se os erros causados pelos seguintes tipos de causas: *representações múltiplas; apoio na oralidade; omissões; junção-separação; confusão de am com ão; generalização; trocas surdas/sonoras; acréscimos; letras parecidas; inversões; e outras alterações. Representações múltiplas: erros*

que podem ocorrer em virtude de não haver uma única forma para a representação gráfica de determinados sons; *Apoio na oralidade*: erros ocorridos quando a palavra é escrita da forma como é falada, ou seja, a escrita se aproxima de uma transcrição fonética; *Omissões*: ausência de uma ou mais letras da palavra, *Junção-separação*: erros ocorridos por problemas de segmentação; assim, duas ou mais palavras podem ser escritas como se fossem uma só, ou uma palavra pode ser separada em sílabas; *Confusão de am com ão*: erros ocorridos quando uma palavra com terminação *am* é escrita com *ão* e vice-versa, em decorrência da semelhança fonética existente; *Generalização*: erros ocorridos quando ocorre a generalização indevida de princípios da escrita convencional; *Trocas surdas/sonoras*: confusão entre pares de fonemas que se diferenciam pelo traço de sonoridade; *Acréscimo*: aumento de letras na palavra; *Letras parecidas*: uso de letras incorretas, mas de grafia parecida; *Inversões*: posição invertida das letras na palavra; *Acentuação/hífen*: uso indevido ou ausência de acentuação e hífen; *Erros Múltiplos*: ocorrência de erros de influência da oralidade mais alguma outra alteração qualquer na mesma palavra; e por fim, *Outras alterações*: casos não classificáveis nas categorias anteriores.

Nesta perspectiva notabilizamos uma relação, também, existente entre a língua e a escrita, que, no entanto não podem ser confundidas, pois se trata de dois sistemas distintos, visto que a escrita é um ato posterior ao da fala. Muitas pessoas fazem uso da língua através da fala e não sabem escrever. Mesmo que a linguagem falada seja a mais utilizada pelas pessoas. Dentro do aprendizado da linguagem notabiliza-se um leque de possibilidades da representação gráfica desta linguagem, ocorrendo os fenômenos supracitados, uns com mais frequência que os outros, mas que acompanham o processo escolar de forma direta. Apontando dificuldades e desafios às aulas de língua.

Diante das observações realizadas ao longo das aulas de Língua Portuguesa constatou-se que o erro mais recorrente, é o apresentado na categoria classificada como alteração com apoio na oralidade, sendo pensado que:

Mesmo que cada falante seja proprietário de sua fala, o uso da língua através da fala sofre restrições intrínsecas e extrínsecas. A restrição intrínseca é a derivada da estrutura da língua, que limita as várias possibilidades de uso através de regras. Já a restrição extrínseca são as restrições impostas pelos grupos de falantes, ou por pessoas que ditam regras para seu uso (TERRA, 1997, p. 20).

De acordo com esta afirmação reflete-se que haverá sempre relações entre as formas distintas da língua e de como esta interfere nos modos de viver e agir dos falantes. Ela designa saberes e comportamentos dentro de um sistema linguístico que se apodera e a utiliza.

Para Marcuschi (2003, p.17) “sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve”. Salutarmente, não podemos considerar a fala como superior, pois tanto escrita como oralidade são práticas importantes da língua, cada uma com suas próprias características e importância para os usuários da língua e isso se fortifica quando se fala em escola, ou ainda, em sala de aula.

Observa-se que os falantes que ainda não dominam o Sistema de Escrita Alfabética (SEA) tendem a transcrever para a escrita marcar da oralidade, ou seja, escreve-se da maneira que se fala, levando em consideração o que se ouve e como se fala. Os alunos não são aprendizes passivos, mas sim usam e refletem a língua, constroem conhecimentos que transforma a linguagem em um objeto, em algo concreto (ZORZI, 1998, p. 19). Diante dessa situação Zorzi (1998, p. 19) aponta que a “aprendizagem da escrita envolve, simultaneamente, múltiplos aspectos: os usos, as funções, e a natureza da língua escrita”.

A relação entre as letras e os sons da fala é sempre muito complicada pelo fato de a escrita não ser o reflexo da fala e porque é possível ler o que está escrito de diversas maneiras, e com diversos sons e interpretações, isto ocorre em vários momentos da vida escolar e da vida social do indivíduo, cuja base de comunicação é a escrita e a oralidade. Por isso, muitas vezes usamos recursos especiais da escrita para representar alguns sons da fala. Cagliari (1992, p.117) diz que: “É uma ilusão pensar que a escrita é um espelho da fala. A única forma de escrita que retrata a fala, de maneira a correlacionar univocamente letra e som, é a transcrição fonética”.

Ao observar-se as alterações da ortografia com apoio na oralidade notabiliza-se que o sistema alfabético que aponta para a escrita as correspondências entre sons e letras, assim, a escrita é feita embasada na fala, sendo a sua representação gráfica (ZORZI, 1998, p. 36).

Ainda segundo Zorzi ‘a escrita alfabética não significa escrita fonética’ (1998, p. 36), nisto caracterizamos o conflito que existe na mente dos alunos quando eles confundem o ato de falar com a escrita. Ao observamos a frase: “*Minha mãi tá cumpranu leitchi prá nós tomá*”, que se escrita da maneira correta seria assim escrita: *Minha mãe está comprando leite para nós tomarmos* (ZORZI, 1998, p. 36), analisamos uma transcrição fiel da fala para a escrita, ou seja, o usuário da língua utiliza-se do seu conhecimento acústico-articulatório, fugindo às regras da ortografia.

A língua, enquanto produto da história sócio-cultural de uma comunidade ou de um indivíduo apresenta-se marcada pelos seus usos e pelos espaços sociais destes usos. Neste sentido a língua não poderá ser ensinada como produto acabado, pronto, fechado em si mesmo [...] (GERALDI, 2006, p.28), ela é algo em constante mudança e relevância diante dos seus usos.

Por fim, apresentamos uma pesquisa que Mirian Lemle (1991) aponta passos da aquisição da escrita apoiada na fala:

O primeiro passo do alfabetizando em sua compreensão do sistema de escrita é o casamento monogâmico entre sons e letras, ou seja, o entendimento da situação ideal e perfeita de que cada letra tem seu nome e cada som tem sua letra. O segundo passo é a teoria da poligamia com restrições de posição. Consiste na rejeição da hipótese da monogamia. É onde o aprendiz percebe que há palavras em que o som da letra *l* não é [l] e sim [u], que a letra *r* corresponde a um som forte em início de palavra e a um som brando quando colocada entre duas vogais. O terceiro passo diz respeito às partes arbitrárias do sistema. É o momento em que o aluno sente insegurança sobre a ortografia correta de uma palavra. Quando mais de uma letra pode, na mesma posição, representar o mesmo som. A opção pela letra correta em uma palavra é, em termos puramente fonológicos, inteiramente arbitrária. É o caso da palavra *rosa* que se escreve com *s*. Pelas regras de distribuição de sons e de letras em português poderia igualmente ser aceita com *z*, do mesmo modo, *exame* poderia igualmente ser escrita com *s*, ou com *z*. No quarto passo, o aluno percebe as regularidades ligadas a morfologia das palavras. É o caso, por exemplo, da palavra *beleza* que é escrita com *z* e está numa posição de concorrência com *s*.

Como vemos em Lemle a criança vai adquirindo gradativamente as noções ortográficas e aperfeiçoando sua escrita de acordo com a reflexão crítica e devida intervenção feita pelo professor de Língua Portuguesa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da pesquisa aqui apresentada e da aplicação das atividades propostas na metodologia percebeu-se que os alunos passaram a refletir cada vez mais sobre a sua língua e sua variação na escrita e no cotidiano em que estão inseridos. De modo que possam corrigir-se mesmo sem a intervenção do professor em sala de aula ou em outro contexto.

Percebeu-se, também, que os resultados sejam visíveis na produção escrita dos alunos, tanto em textos como em frases. O devido incentivo deve partir do professor, pois algumas intervenções sem incentivos fazem a criança acabar achando que é incapaz de produzir algo corretamente.

A pesquisa aqui exposta propõe que os alunos sigam cada uma das atividades propostas, que tais atividades possam torna-se de uso corriqueiro, para que ao utilizarem a língua escrita possam conhecer a Ortografia e aplicá-la em cada produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliamos nesta pesquisa uma intervenção, com o tema das alterações na ortografia com apoio na oralidade será feita de maneira qualitativa, como aponta Ruiz (2004) quando diz que a abordagem qualitativa não pode pretender o alcance da verdade, com o que é certo ou

errado; deve ter como preocupação primeira a compreensão da lógica que permeia a prática que se dá na realidade.

A avaliação da proposta de maneira qualitativa, também, se caracteriza por um trabalho com o universo de significados, motivos, aspirações e atitudes. Correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos ortográficos e da produção escrita.

Diante do exposto a avaliação foi feita de acordo com o resultado das atividades propostas e o que os alunos fizeram para chegarem até o nível de desenvolvimento apresentado nas produções das atividades.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1992.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino**: exercício de militância e divulgação. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: associação de Leitura do Brasil, 1996.

LEMLE, Mirim. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: scipione, 1997. XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana. **Conversas com Lingüistas**. Rio de Janeiro, Parábola Editorial, 2005.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a escrever**: apropriação do sistema ortográfico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. **Como escrevem nossas crianças**: estudo do desempenho ortográfico de alunos das séries iniciais do ensino fundamental de escolas públicas. São José dos Campos: Pulso Editora, 2009.